

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912) e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou em vários locais, na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e de outras cidades de Sergipe e Alagoas. Foi autor de vários livros e artigos publicados em revistas e jornais. Foi também um dos fundadores da Academia Cearense de Letras.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese sobre o período em que se deu a fundação da Academia Cearense de Letras. Após o período de fundação, a Academia Cearense de Letras passou a ser presidida por diversos membros. Quando foi eleito presidente do estado, organizou a Academia Cearense de Letras e a Academia Cearense de Letras. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a Academia Cearense de Letras e a Academia Cearense de Letras. Quando foi eleito presidente do estado, organizou a Academia Cearense de Letras e a Academia Cearense de Letras. Quando foi eleito presidente do estado, organizou a Academia Cearense de Letras e a Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1912

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proceloso
Resurgem novos deuses,
Tremida a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

MÁRIO LINHARES

Mário Rômulo Linhares nasceu em Fortaleza no dia 19 de agosto de 1889 e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de dezembro de 1965, aos 76 anos de idade. Auto-didata que, mediante concurso, trabalhou por muitos anos na Fazenda Federal onde exerceu altas funções em vários estados do Brasil.

Poeta, crítico literário, historiador e genealogista, tendo iniciado cedo sua produção poética usando inúmeros pseudônimos. Sânzio de Azevedo refere que “sua poesia nem sempre foi rigorosamente parnasiana, tendo em vários momentos sofrido influência simbolista”. Fundou e colaborou com várias revistas do Ceará e de outros estados. Foi diretor da *Revista da Federação das Academias de Letras do Brasil*. Obras publicadas (versos, crítica literária, genealogia e história): *Amor e suicídio (estudo social)*, 1909; *Florões*, 1912; *Evangelho pagão*, 1917; *Culto cívico*, 1917; *Mendes Martins*, 1919; *Gente nova*, 1920; *Nova orientação da pintura brasileira*, 1926; *Poesias (Florões, Evangelho pagão, Cânticos das cantigas, Vas spirituale)*, 1937; *Poetas esquecidos*, 1938; *Os Linhares*, 1939; *História literária do Ceará*, 1948; *Ascensão*, 1953; e *Contas sem fio (trovas)*, 1961. Foi, juntamente com Martins d’Alvarez, um grande batalhador pela fusão da Academia Cearense de Letras com a Academia de Letras do Ceará ocorrida em 1951.

Ingressou na Academia Cearense de Letras em 10 de fevereiro de 1952 baseado no artigo 15 do estatuto social aprovado naquela data, que diz: “*Em homenagem a Mário Linhares, que há prestado à Academia relevantes serviços, a cadeira n. 2, da qual era patrono Agapito Jorge dos Santos, é desde já considerada por ele ocupada*”. Posteriormente passou para a cadeira número 7, cujo patrono é Clóvis Beviláqua. Foi presidente do nosso sodalício no período de 1955/56 e membro da Academia Carioca de Letras.

A SECA

(PÁGINA CEARENSE)

*Ceará. Pleno sertão. Agosto. Um sol de brasa
queima impiedosamente o ventre da floresta.
O ar, pesado, asfixia. O espaço nem uma asa
de ave corta. A adustão flores e frutos cresta.*

*Fuzila o dia. Em fúria, o vento, dentre a fresta
de abertas rochas, silva. À sede que o abrasa,
o touro escarva o chão e, ao mormaço da sesta,
à dor da planta à dor dos pássaros se casa.*

POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*Nenhum riacho a colear o amplo seio do bosque.
É ardente o solo, é seco o arbusto, é triste o prado;
e nenhuma hera ao tronco anoso há que se enrosque.*

*Calma. Pela esplanada, apenas, se ouve o pio
dos anuns e o mugir convulsivo do gado,
sob a cáustica luz desses dias de estio.*

FONTE: LINHARES, MÁRIO. *POESIAS (FLORÓES)*. RIO DE JANEIRO: PONGETTI, 1937. P.12

ENTARDECER

*É a hora do crepúsculo. Entardece...
Plange ao longe na torre de uma ermida
A voz de um sino que a alma nos convida
Ao doce misticismo de uma prece.*

*É na meditação que a gente esquece
O sonho mau ou a ilusão perdida,
Pois no enlevo da Fé a nossa vida
Miraculosamente refloresce.*

*Nesta hora de silêncio e de tristeza,
Parece ungir-se toda a Natureza
Do encanto vespéral da Ave-Maria...*

*Feliz quem possa, quando chega a tarde,
Sentir-se em paz, e para tudo guarde
Um sorriso de amor e de alegria!*

FONTE: LINHARES, MÁRIO. *ASCENSÃO*. RIO DE JANEIRO: PONGETTI, 1953. P. 37-38.

A JANGADA

(PAISAGEM CEARENSE)

*Mal o clarão da aurora rompe a bruna
e densa escuridão da madrugada,
aos repuxos das ondas, a jangada,
serena e afoita, a branca vela enfuna.*

*O dorso encrespe o oceano e o vento zuna,
segue aos vaivens da água convulsionada,
e sobe e desce aos ímpetos de cada
vaga e à mercê dos ventos se afortuna.*

*Parte e se some... À tarde, é de ver que ela
volta afrontando a fúria da procela,
antes que a luz do dia se dissipe.*

*Volta encurvando a asa da vela; suste-a
a ira do mar, - volta ao poder da angústia
da saudade sem fim do Mucuripe.*

FONTE: LINHARES, MÁRIO. *POESIAS (FLORÓES)*. RIO DE JANEIRO: PONGETTI, 1937. P. 20.